

Exposição



*50 Poemas
de Abril*

Xosé Bieito Arias Freixedo, 2024

2024 / 50 Anos de Abril

Organização: CJS-UVIGO

I Cátedra Internacional
José Saramago
Universidade de Vigo

POEPOLIT II

O contexto histórico-político

Em vésperas do 25 de Abril, Portugal era um país anacrónico. Último império colonial do mundo ocidental, travava uma guerra colonial em três frentes africanas e fazia face a sucessivas condenações nas Nações Unidas.

Neste Portugal era rara a família que não tinha alguém a combater em África. O serviço militar durava quatro anos, a expressão pública de opiniões contra o regime e contra a guerra era severamente reprimida. Os partidos e movimentos políticos se encontravam proibidos, as prisões políticas cheias, a oposição política exilada, os sindicatos fortemente controlados, a greve interdita, o despedimento facilitado e a vida cultural vigiada.

Era um tempo de injustiças sociais agravadas dentro de um persistente atraso económico e cultural, num contexto que contribuía para uma certa identificação entre o regime ditatorial e o próprio modelo de desenvolvimento capitalista. Estas circunstâncias foram, em grande parte, responsáveis pelo golpe de estado iniciado pelo Movimento dos Capitães, o posterior Movimento das Forças Armadas (MFA), e pela euforia revolucionária popular que se viveu a seguir à Revolução dos Cravos do 25 de Abril de 1974.

A 25 de Novembro de 1975, outro golpe militar pôs fim a esta euforia e à influência de uma parte da esquerda militar, do designado "Poder Popular". Este contragolpe foi levado a cabo por militares da ala moderada e levou à demissão de alguns militares mais radicais, entre os quais Otelo Saraiva de Carvalho. O 25 de Novembro deu origem a uma certa estabilidade política que se tornou visível com a redacção da Primeira Constituição da República de 1976. Mas continua a haver muitas vozes críticas deste processo.

Maria Manuela Cruzeiro (2005):

“No fundo, os militares [moderados] acreditavam na social-democracia para a transição socialista, esquecendo que no resto da Europa a social democracia há muito esquecera a revolução. [...] E talvez seja esta uma das mais pesadas heranças de Novembro: esse desajuste dramático entre o discurso e a realidade, que é ainda hoje a debilidade maior da vida portuguesa.”

“25 de Novembro – Quantos Golpes afinal?” (<https://i.gal/IL0cd>).

Alberto Seixas Santos (1982):

“Há uma hábil intenção de apagar os factos, de reduzir a complexidade a um único acontecimento. Farão do 25 de Novembro um feriado, celebrando a vitoriosa defesa da Revolução. Sim, misturaram os dados de tal maneira, que uma coisa facilmente passa por outra. Os culpados por vítimas, as palavras por factos, a propaganda pela realidade.”

Gestos e Fragmentos, longa-metragem, 90min.

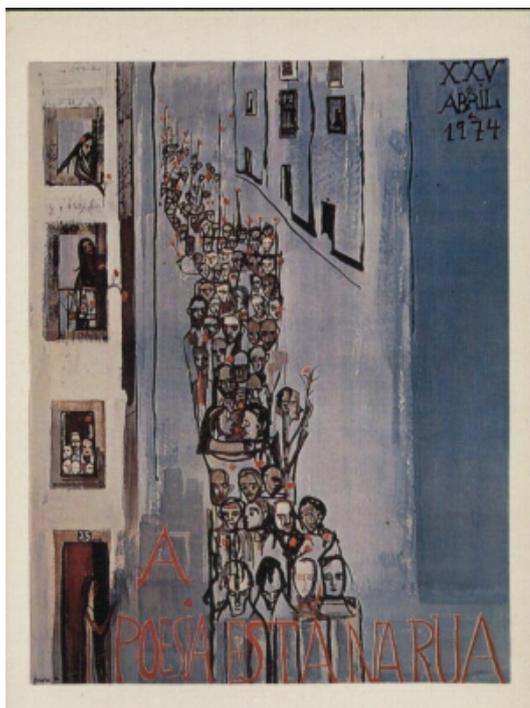
2024 / 50 Poemas de Abril



Há 50 anos, no dia 25 de Abril de 1974, às zero horas e vinte e nove minutos, Portugal recuperou a liberdade. Era o fim da ditadura fascista de Salazar e Marcelo Caetano, que oprimiam o país há 48 anos.

A exposição **2024 / 50 Poemas de Abril – Poesia para levar** conta simbolicamente com 50 poemas. Quer dar uma ideia do que foi a ação conjunta do Movimento das Forças Armadas (MFA) e do povo português, de mulheres e homens anónimos, de escritoras e escritores, na chamada Revolução dos Cravos.

Esta exposição inspira-se também num cartaz histórico. Depois do 25 de Abril, Portugal encheu-se de murais, graffiti e cartazes. Tinha sido um país onde imperava o cinzento, literal e metafórico, e que agora redescobria cores vivas, do vermelho dos cravos a todas as demais. A criatividade e euforia em cartazes e murais, com inúmeros estilos gráficos e iconográficos, eram também um sinal da liberdade recuperada. Talvez um dos mais louvados cartazes de Abril, do qual existem duas versões, era da já então conceituada pintora Maria Helena Vieira da Silva. Foi realizado em 1974, sob proposta da grande poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, de quem é o verso que deu título aos dois cartazes: “A Poesia está na Rua”.



A poesia está na rua : 25 de Abril de 1974, Vieira da Silva, postal, cor, 15x11 cm, Biblioteca Nacional Digital, <http://purl.pt/29968://purl.pt/29968>



A poesia está na rua : 25 de Abril de 1974, Vieira da Silva, papel, guache, 104,7x74,2 cm, Centro de Arte Moderna Gulbenkian, Inv. PE110

Por um brevíssimo tempo, o poder caiu nas mãos das pessoas na rua até que o dia 25 de Novembro de 1975 fechou esta porta. O que ficou, porém, foi o poder da poesia e da música de intervenção e de protesto, que literalmente povoaram as ruas depois do 25 de Abril. Os “Poemas para levar” querem exemplificar também esta indispensável relação entre poesia e política. Incluem-se também perspectivas críticas, assim como exemplos de poemas dos âmbitos galego e espanhol.

A música da revolução, um poderoso meio de expressão e de mobilização popular, documenta-se através das letras de várias canções célebres, portuguesas e brasileiras, cujos códigos QR levam às versões originais. Na seleção geral destes poemas para levar privilegamos a palavra das autoras.

50 Poemas de Abril está patente na Facultade de Filoloxía e Tradución, no Camões – Centro Cultural Português em Vigo e na Fundación Vicente Risco em Allariz. A sua presença em Allariz representa a primeira actividade conjunta entre a Fundación Vicente Risco e a I Cátedra Internacional José Saramago, entidades que, no mês de Março de 2024, assinaram um convénio de colaboração.

Esta exposição é uma homenagem a quem fez e viveu a Revolução do 25 de Abril, que devolveu à sociedade portuguesa a liberdade nos espaços público e privado, a liberdade de expressão — em palavras, em gestos, na voz e na arte. Mas também não esquece as novas gerações que continuam, com uma memória activa, a (re)pensar a liberdade em cada dia. No poema “Vem ciclónica a luz que te vai mordendo o rosto” (13/4/2024), Cláudia R. Sampaio formula essa necessidade de continuarmos Abril de forma insistente:

Agita-te, descalça-te de sossego, pois que já o sabias:

Nenhum dia será teu sem liberdade

50 Poemas de Abril — Poesia para levar

Fundación Vicente Risco, Allariz. 25 de Abril de 2024. 20:00.

Facultade de Filoloxía e Tradución, Vigo. 15-29 de Abril de 2024. 8:30-20:45.

Camões – Centro Cultural Português, Vigo. 25 de Abril até 31 de Maio de 2024.

Segunda, quarta e sexta-feira: 11:00–14:00.

Terça e quinta-feira: 16:30–19:30.

Sábado/domingo: Encerrado.



Organização: CJS-UVigo e projeto POEPOLIT II (PID2019-105709RB-I00).

Curadoria: Xosé Bieito Arias Freixedo, Burghard Baltrusch, André Bernardo.

Seleção dos poemas: Burghard Baltrusch.

Vigo: I Cátedra dJosé Saramago da Universidade de Vigo.

50 Poemas de Abril © 2024, I Cátedra Internacional José Saramago da Universidade de Vigo, CC BY-NC 4.0
As pessoas indicadas como autoras/es de poemas e letras serão consideradas titulares dos seus textos e terão os direitos sobre eles.

Cláudia R. Sampaio

VEM CICLÓNICA A LUZ QUE TE VAI MORDENDO O ROSTO

Vem ciclónica a luz que te vai mordendo o rosto
e a neblina que prevês mudar o rumo

Um certo dom dos olhos inclinados a esperança,
onde a deixaste que não te sossega o espírito
perguntas pela raiz de um outro Abril
onde eras fio e impulso das alturas,
a destreza de uma asa ensolarada



Estás cansada, cruzas pela casa a tua diagonal,
os teus pronomes,
e atiras ao escuro o registo da hora exacta
sabendo que é sozinha que vais lavrar o poema
com os seus ossinhos finos de armas em flor

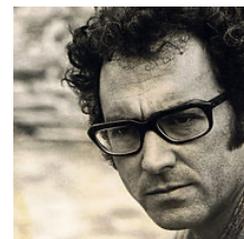
Agita-te, descalça-te de sossego, pois que já o sabias: nenhum
dia será teu sem liberdade



Cláudia R. Sampaio é poeta e artista plástica nascida em Lisboa (1981). Escreveu para cinema, televisão e teatro. Tem sete livros de poesia até ao momento e tem também obra publicada no Brasil, México e Espanha. É uma das artistas do projecto artístico Manicómio. Este poema foi publicado no Público, 13/04/2024, na série 50 poemas inéditos de 50 autores sobre revolução.



José (Zeca) Afonso



Grândola Vila Morena

Grândola, vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti, ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, vila morena

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola, vila morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola, vila morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

Grândola a tua vontade
Jurei ter por companheira
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade



"Grândola, Vila Morena" é uma canção composta e cantada por José Afonso dos Santos (Zeca Afonso, 1929-1987), um dos cantores e compositores portugueses mais importantes do século XX. A canção foi incluída no álbum *Cantigas do Maio* (gravado em França em 1971) e Zeca Afonso estreou-a em Santiago de Compostela no dia 10 de Maio de 1972.

No dia 29 de março de 1974, foi cantada num espectáculo no Coliseu de Lisboa. Na assistência estavam militares do Movimento das Forças Armadas (MFA), que viriam a escolher a canção como um dos sinais do arranque da revolução, para ser transmitida na Rádio Renascença na madrugada do 25 de abril de 1974. Por esse motivo, transformou-se em símbolo da revolução, assim como do início da democracia em Portugal.

Pouco antes da sua morte, Zeca Afonso cantou e gravou uma nova edição da canção com amigas e amigos galegos na *Homenagem da Galiza a José Afonso* (Vigo, 1985).



Em Fevereiro de 2013, o primeiro-ministro de Portugal, Pedro Passos Coelho, foi interrompido no parlamento pelo movimento "Que se lixe a troika!" a cantar "Grândola Vila Morena" como forma de protesta contra as políticas económicas do seu governo. Dias depois, esta mesma música foi cantada em Madrid na Puerta del Sol numa manifestação. Ainda em Fevereiro, o Ministro dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas, foi igualmente interrompido por manifestantes ao som do Grândola, uma estratégia que se tem continuado a praticar desde então.



Sophia de Mello Breyner Andresen



25 de Abril

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

O Nome das Coisas, 1974
Obra Poética III, Lisboa: Caminho 1996



Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



José (Zeca) Afonso

VAMPIROS

No céu cinzento sob o astro mudo
Batendo as asas pela noite calada
Vêm em bandos com pés de veludo
Chupar o sangue fresco da manada

Se alguém se engana com seu ar sisudo
E lhes franqueia as portas à chegada
Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada

A toda a parte chegam os vampiros
Poisam nos prédios poisam nas calçadas
Trazem no ventre despojos antigos
Mas nada os prende às vidas acabadas

São os mordomos do universo todo
Senhores à força mandadores sem lei
Enchem as tulhas bebem vinho novo
Dançam a ronda no pinhal do rei

Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada

No chão do medo tombam os vencidos
Ouvem-se os gritos na noite abafada
Jazem nos fossos vítimas dum credo
E não se esgota o sangue da manada

Se alguém se engana com seu ar sisudo
E lhes franqueia as portas à chegada
Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada

Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada



José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos (Aveiro, 2 de agosto de 1929 — Setúbal, 23 de fevereiro de 1987), foi um cantor e compositor português. É também conhecido pelo diminutivo familiar de Zeca Afonso, apesar de nunca ter utilizado este nome artístico. É o autor de Grândola, Vila Morena que foi utilizada pelo Movimento das Forças Armadas para confirmar que a Revolução do 25 de Abril estava em marcha.



Sophia de Mello Breyner Andresen



REVOLUÇÃO - DESCOBRIMENTO

Revolução isto é: descobrimento
Mundo recomeçado a partir da praia pura
Como poema a partir da página em branco
— Catarsis emergir verdade exposta
Tempo terrestre a perguntar seu rosto



O Nome das Coisas, 1974
Obra Poética III, Lisboa: Caminho 1996

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



José (Zeca) Afonso

“Traz outro amigo também”

Amigo
Maior que o pensamento
Por essa estrada amigo vem
Não percas tempo que o vento
É meu amigo também

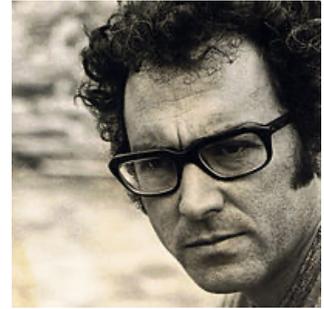
Em terras
Em todas as fronteiras
Seja bem-vindo quem vier por bem

Se alguém houver que não queira
Trá-lo contigo também

Aqueles
Aqueles que ficaram
(Em toda a parte todo o mundo tem)

Em sonhos me visitaram
Traz outro amigo também

JOSÉ AFONSO, in “Traz outro amigo também”,1970



José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos (1929-1987), foi um cantor e compositor português. É também conhecido pelo diminutivo familiar de Zeca Afonso, apesar de nunca ter utilizado este nome artístico. É o autor de “Grândola, Vila Morena” que foi utilizada pelo Movimento das Forças Armadas para confirmar que a Revolução do 25 de Abril estava em marcha.



Sophia de Mello Breyner Andresen



REVOLUÇÃO

Como casa limpa
Como chão varrido
Como porta aberta

Como puro início
Como tempo novo
Sem mancha nem vício

Como a voz do mar
Interior de um povo

Como página em branco
Onde o poema emerge

Como arquitectura
Do homem que ergue
Sua habitação

O Nome das Coisas, 1974
Obra Poética III, Lisboa: Caminho 1996



Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



Sérgio Godinho



LIBERDADE

Vimos com o peso do passado e da semente
Esperar tantos anos torna tudo mais urgente
e a sede de uma espera só se estanca na torrente
e a sede de uma espera só se estanca na torrente
Vivemos tantos anos a falar pela calada
Só se pode querer tudo quando não se teve nada
Só quer a vida cheia quem teve a vida parada
Só quer a vida cheia quem teve a vida parada
Só há liberdade a sério quando houver
A paz, o pão
habitação
saúde, educação
Só há liberdade a sério quando houver
Liberdade de mudar e decidir
quando pertencer ao povo o que o povo produzir
quando pertencer ao povo o que o povo produzir



Sérgio de Barros Godinho mais conhecido por Sérgio Godinho (Porto, 31 de agosto de 1945) é um poeta, compositor, intérprete e, também actor português. Como autor, compositor e cantor, personifica perfeitamente a sua música O Homem dos Sete Instrumentos. Multifacetado, representou já em filmes, séries televisivas e peças teatrais. A dramaturgia surge com a assinatura de algumas peças de teatro assumindo-se também como realizador.



Sophia de Mello Breyner Andresen



NESTA HORA

Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda
Mesmo aquela que é impopular neste dia em que se invoca o povo
Pois é preciso que o povo regresse do seu longo exílio
E lhe seja proposta uma verdade inteira e não meia verdade

Meia verdade é como habitar meio quarto
Ganhar meio salário
Como só ter direito
A metade da vida

O demagogo diz da verdade a metade
E o resto joga com habilidade
Porque pensa que o povo só pensa metade
Porque pensa que o povo não percebe nem sabe

A verdade não é uma especialidade
Para especializados clérigos letrados

Não basta gritar povo é preciso expor
Partir do olhar da mão e da razão
Partir da limpidez do elementar

Como quem parte do sol do mar do ar
Como quem parte da terra onde os homens estão
Para construir o canto do terrestre
— Sob o ausente olhar silente de atenção

Para construir a festa do terrestre
Na nudez de alegria que nos veste



O Nome das Coisas, 1974
Obra Poética III, Lisboa: Caminho 1996

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



Sophia de Mello Breyner Andresen



COM FÚRIA E RAIVA

Com fúria e raiva acuso o demagogo
E o seu capitalismo das palavras

Pois é preciso saber que a palavra é sagrada
Que de longe muito longe um povo a trouxe
E nela pôs sua alma confiada

De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse

Com fúria e raiva acuso o demagogo
Que se promove à sombra da palavra
E da palavra faz poder e jogo
E transforma as palavras em moeda
Como se fez com o trigo e com a terra



O Nome das Coisas, 1974
Obra Poética III, Lisboa: Caminho 1996

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



José Mário Branco

MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES

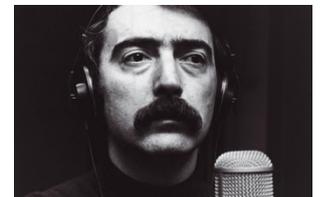


Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.



E se tudo o mundo é composto de mudança,
Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.



Mas se tudo o mundo é composto de mudança,
Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

Mas se tudo o mundo é composto de mudança,
Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Mas se tudo o mundo é composto de mudança,
Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

José Mário Monteiro Guedes Branco, mais conhecido por José Mário Branco (Porto, 25 de maio de 1942 – Lisboa, 19 de novembro de 2019), foi um músico, cantautor, compositor/arranjador e produtor musical português. É descrito como "um dos nomes maiores da canção portuguesa" e apresenta uma extensa actividade musical nas mais variadas áreas, contando com uma carreira de cinco décadas.



Sophia de Mello Breyner Andresen



A SALGUEIRO MAIA

Aquele que na hora da vitória
respeitou o vencido

Aquele que deu tudo e não pediu a paga

Aquele que na hora da ganância
Perdeu o apetite

Aquele que amou os outros e por isso
Não colaborou com a sua ignorância ou vício

Aquele que foi «Fiel à palavra dada à ideia tida»
como antes dele mas também por ele
Pessoa disse

Salgueiro Maia na madrugada de 25 de Abril de 1974, dirigindo-se aos soldados da Escola Prática de Cavalaria, em Santarém:

"Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos! De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui!"



Fernando José Salgueiro Maia (1944-1992) foi um dos mais distintos capitães do Movimento das Forças Armadas (MFA). Foi Salgueiro Maia quem comandou no dia 25 de Abril a coluna de blindados que, vinda de Santarém, montou cerco aos ministérios do Terreiro do Paço forçando a rendição do último chefe de governo da ditadura, Marcelo Caetano, no Quartel do Carmo. Recusou cargos de poder político, transformando-se em símbolo da coragem e da generosidade dos capitães de Abril.



Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



Ermelinda Duarte

SOMOS LIVRES

Ontem apenas
fomos a voz sufocada
dum povo a dizer não quero;
fomos os bobos-do-rei
mastigando desespero.

Ontem apenas
fomos o povo a chorar
na sarjeta dos que, à força,
ultrajaram e venderam
esta terra, hoje nossa.

Uma gaivota voava, voava,
assas de vento,
coração de mar.
Como ela, somos livres,
somos livres de voar.

Uma papoila crescia, crescia,
grito vermelho
num campo qualquer.
Como ela somos livres,
somos livres de crescer.

Uma criança dizia, dizia
"quando for grande
não vou combater".
Como ela, somos livres,
somos livres de dizer.

Somos um povo que cerra fileiras,
parte à conquista
do pão e da paz.
Somos livres, somos livres,
não voltaremos atrás.



“Somos Livres” foi uma canção do pós-25 de Abril, tendo sido, pelo seu simbolismo, um dos temas mais populares a seguir à Revolução.

A canção, escrita e cantada pela atriz Ermelinda Duarte, com arranjos de José Cid, pertencia à peça de teatro *Lisboa 72/74*, da autora teatral e encenadora Luzia Maria Martins, então levada à cena no Teatro Estúdio de Lisboa na altura em funcionamento num edifício situado na Feira Popular, em Lisboa.

Mário Martins, da editora Valentim de Carvalho, convenceu Ermelinda Duarte a gravá-la em disco e a RTP fez um vídeo da canção.



José Carlos Ary dos Santos

As portas que abril abriu (excerto)

E tivemos de pagar
com o sangue de um soldado
o preço de já não estar
Portugal suicidado.

Fugiram como cobardes
e para terras de Espanha
os que faziam alardes
dos combates em campanha.

E aqui ficaram de pé
capitães de pedra e cal
os homens que na Guiné
aprenderam Portugal.

Os tais homens que sentiram
que um animal racional
opõe àqueles que o firmam
consciência nacional.

Os tais homens que souberam
fazer a revolução
porque na guerra entenderam
o que era a libertação.

Os que viram claramente
e com os cinco sentidos
morrer tanta tanta gente
que todos ficaram vivos.

Os tais homens feitos de aço
temperado com a tristeza
que envolveram num abraço
toda a história portuguesa.

Essa história tão bonita
e depois tão maltratada
por quem herdou a desdita
da história colonizada.

Dai ao povo o que é do povo
pois o mar não tem patrões.
– Não havia estado novo
nos poemas de Camões!

Havia sim a lonjura
e uma vela desfraldada
para levar a ternura
à distância imaginada.

Foi este lado da história
que os capitães descobriram
que ficará na memória
das naus que de Abril partiram
das naves que transportaram
o nosso abraço profundo
aos povos que agora deram
novos países ao mundo.
(...)

E em sua pátria fizeram
o que deviam fazer:
ao seu povo devolveram
o que o povo tinha a haver:
Bancos seguros petroléos
que ficarão a render
ao invés dos monopólios
para o trabalho crescer.

Guindastes portos navios
e outras coisas para erguer
antenas centrais e fios
dum país que vai nascer.

Mesmo que seja com frio
é preciso é aquecer
pensar que somos um rio
que vai dar onde quiser
pensar que somos um mar
que nunca mais tem fronteiras
e havemos de navegar
de muitíssimas maneiras.

No Minho com pés de linho
no Alentejo com pão
no Ribatejo com vinho
na Beira com requeijão
e trocando agora as voltas ao vira da
produção
no Alentejo bolotas (...)



Ficou na História da música portuguesa por ter escrito poemas de 4 canções vencedoras do Festival RTP da Canção e apuradas para representarem Portugal no Festival Eurovisão da Canção: *Desfolhada Portuguesa* (1969), com interpretação de Simone de Oliveira, *Menina do Alto da Serra* (1971), interpretada por Tonicha, *Tourada* (1973), interpretada por Fernando Tordo e *Portugal no Coração* (1977), interpretada pelo grupo Os Amigos. Além disso, assinala-se ainda a sua importante colaboração como letrista de fados e/ou canções interpretados por Amália Rodrigues e Carlos do Carmo.



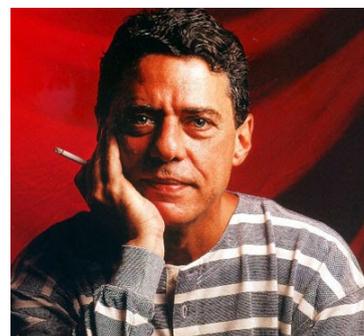
Chico Buarque

Tanto Mar

Sei que está em festa, pá
Fico contente
E enquanto estou ausente
Guarda um cravo para mim
Eu queria estar na festa, pá
Com a tua gente
E colher pessoalmente
Uma flor no teu jardim



Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei, também, que é preciso, pá
Navegar, navegar
Lá faz primavera, pá
Cá estou doente
Manda urgentemente
Algum cheirinho de alecrim



Foi bonita a festa, pá
Fiquei contente
Ainda guardo renitente
Um velho cravo para mim
Já murcharam tua festa, pá
Mas certamente
Esqueceram uma semente
Nalgum canto de jardim

Francisco Buarque de Hollanda mais conhecido como Chico Buarque (Rio de Janeiro, 19 de junho de 1944), é um cantor, compositor, dramaturgo, escritor e ator brasileiro. É considerado por muitos críticos o maior artista vivo da música brasileira.

Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei, também, quanto é preciso, pá
Navegar, navegar
Canta primavera, pá
Cá estou carente
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim



Kleiton e Kledir

Vira Virou



Vou voltar na primavera
E era tudo o que eu queria
Levo terra nova daqui



Quero ver o passaredo
Pelos portos de Lisboa
Voa, voa, que eu chego já



Ai, se alguém segura o leme
Dessa nave incandescente
Que incendeia a minha vida
Que era viajante lenta
Tão faminta d'alegria
Hoje é porto de partida

Ah, vira, virou
Meu coração navegador
Ah gira, girou
Essa galera

Kleiton & Kledir é uma dupla brasileira formada pelos irmãos Kleiton Alves Ramil (Pelotas, 23 de agosto de 1951) e Kledir Alves Ramil (Pelotas, 21 de janeiro de 1953). Ambos são irmãos do também músico Vitor Ramil e primos do também músico Pery Souza. A composição *Vira, virou* é uma homenagem a Portugal, à liberdade e à mulher portuguesa.



Maria Teresa Horta



Mulheres de Abril

Mulheres de Abril
somos
mãos unidas

certeza já acesa
em todas
nós

Juntas formamos
fileiras
decididas

ninguém calará
a nossa
VOZ

Mulheres de Abril
somos
mãos unidas

na construção
operária
do país

Nos vemos férteis
a vontade
erguida

de um Portugal
que o povo
quis



Maria Teresa Horta (*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Os seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida fisicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.



Maria Teresa Horta

Catarina Eufémia

O punho ergueste
em haste
de coragem

os pés fincaste
na terra
com ternura

e só de paz falavam os teus olhos
quando tombaste dobrada
pela cintura

À tua frente souberas a resposta
na arma pronta
a morte no teu ventre

mas nem um filho
ao colo
te calou a fala

grito de água
no Alentejo ardente



Maria Teresa Horta (*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Os seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida fisicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.



Maria Teresa Horta

Mulher nova

*À Inácia,
Operária da Philips*

Tens um cravo
nas mãos
e vens de Abril

operária a construíres-te
pouco a pouco

Trazes constante em ti
o desafio

Mulher nova
a crescer
vinda do povo



Maria Teresa Horta (*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida fisicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.

Maria Teresa Horta

Mulheres do meu País

Deu-nos Abril
o gesto e a palavra

fala de nós
por dentro da raíz

Mulheres
quebrámos as grandes barricadas
dizendo igualdade
a quem ouvir nos quis

E assim continuamos
de mãos dadas

O povo somos
mulheres do meu país



Maria Teresa Horta (*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida fisicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.



Manuel Alegre

ABRIL DE ABRIL



Era um Abril de amigo Abril de trigo
Abril de trevo e trégua e vinho e húmus
Abril de novos ritmos novos rumos.

Era um Abril comigo Abril contigo
ainda só ardor e sem ardil
Abril sem adjectivo Abril de Abril.

Era um Abril na praça Abril de massas
era um Abril na rua Abril a rodos
Abril de sol que nasce para todos.

Abril de vinho e sonho em nossas taças
era um Abril de clava Abril em acto
em mil novecentos e setenta e quatro.

Era um Abril viril Abril tão bravo
Abril de boca a abrir-se Abril palavra
esse Abril em que Abril se libertava.

Era um Abril de clava Abril de cravo
Abril de mão na mão e sem fantasmas
esse Abril em que Abril floriu nas armas.

Atlântico, 1981

Abril, Braga: Comissão Abril de Abril 1999



Manuel Alegre (*1936) é um poeta e político português. Distinguiu-se na oposição ao regime salazarista e marcelista, tendo conhecido o exílio. Após 1974 foi governante, deputado socialista e candidato independente às eleições presidenciais.



Fernando Assis Pacheco

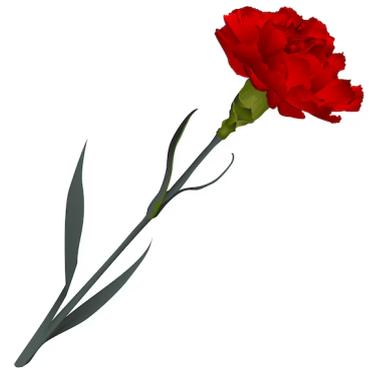
REGRESSO DA ÍNDIA

Mandou el-rei nosso senhor
ver se da parte de além-mar
sua fazenda engrossaria
mas enquanto no mar corria
a armada pus-me a pensar
tudo isto com o meu suor?

mandou el-rei que sem temor
se andasse o mar até chegar
à costa da prata fria
e para tanta fantasia
a armada corria e eu a pensar
tudo isto com o meu suor?

mandou el-rei e mercador
supremo que na feira-mar
se usasse da astúcia à vilania
para seu bem que é obra pia
e a armada corria e eu a pensar
tudo isto com o meu suor?

estou em Lisboa limpando o fedor
numa fonte aonde vim lavar
o meu nojo na água fria
e ora chora quem outrora ria
com vontade de nunca acabar
tanto feirar era fanfarraria
d'el-rei capitão e nosso senhor



1991, *A Musa Irregular*, Lisboa: Assírio & Alvim 2006

Fernando Assis Pacheco (1937-1995) foi um jornalista,
crítico, tradutor e escritor português.



Natália Correia

SONETO DE ABRIL

Evoé! de pâmpano os soldados
rompem do tempo em que Evoé! a terra
salvé rainha descruzando os braços
com seu pé de papiro pisa a fera.

Na écloga dos rostos despontados
onde dos corvos se retira a treva,
de beijo em beijo as ruas são bailados
mudam-se as casas para a primavera.

Evoé! o povo abre o touril
e sai o Sol perfeitamente Abril
maravilha da Pátria ressurrecta.

Evoé! evoé! Tágides minhas
outras vez prateadas campainhas
sois na cabeça em fogo do poeta.



PoemAbril

Carlos Loures e Manuel Simões (orgs.)

Coimbra: Fora do Texto 1994



Natália de Oliveira Correia (1923-1993) foi uma intelectual, poeta e activista social açoriana, autora de extensa e variada obra, com predominância para a poesia. Deputada à Assembleia da República (1980-1991), interveio ao nível da cultura, na defesa dos direitos humanos e dos direitos das mulheres. Autora da letra do Hino dos Açores. Juntamente com José Saramago, entre outros autores, foi, em 1992, fundadora da Frente Nacional para a Defesa da Cultura.

Exposição | 2024 – 50 anos de Abril

Organização:

Núcleo de Estudos Lusófonos do Dpto. de Filologia Galega e Latina

I Cátedra Internacional
José Saramago
Universidade de Vigo



Natália Correia

Já as primeiras cousas são chegadas / I

Tanta foice isto é coice desconfio...
Tanto de marx martelar já cansa.
Adrede é labirinto não me fio
no fio que o comício ao coro lança.

De tanto ruminar tanto Rossio
numa canga aguilhando tanta esperança.
Tanto poder ao povo com feitio
de espezinhá-lo depois da governança.

Tanta denúncia. É a pedagogia
da Revolução que o excremento avia
e não chegámos ao último terceto.

Recém-nascida apenas deste em cabra
Ó Liberdade! Não sei como isto acaba,
não sei como acabar este soneto.



NATÁLIA CORREIA, in "Epístola aos lamitas". Lisboa, Dom Quixote, 1976 Lisboa, Ed. autor, 1957



Natália de Oliveira Correia (1923-1993) foi uma intelectual, poeta e activista social açoriana, autora de extensa e variada obra, com predominância para a poesia. Deputada à Assembleia da República (1980-1991), interveio ao nível da cultura, na defesa dos direitos humanos e dos direitos das mulheres. Autora da letra do Hino dos Açores. Juntamente com José Saramago, entre outros autores, foi, em 1992, fundadora da Frente Nacional para a Defesa da Cultura.



António Ramos Rosa

O Homem de Abril

A José Gomes Ferreira

Eis o homem de Abril.

Nasceu fraco e de pé.

De fraco, fez-se velho.

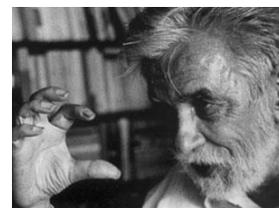
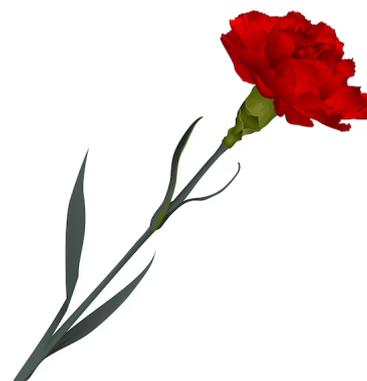
Fez-se velho a valer.

Sentou-se ao pé de um muro.

Atrás o sol nascia.

Uma rosa rompeu.

Era manhã. Bom dia!



António Ramos Rosa (*1924-2013) foi considerado um dos melhores poetas portugueses contemporâneos. Tendo recebido inúmeros prémios, viu o seu nome apontado como candidato ao Prémio Nobel da Literatura. Ao longo da sua obra, estão reflectidos desde o subjectivismo inicial ao cultivo puramente objectivo, elementos neo-realistas, surrealistas, neo-clássicos e neo-barrocos.



Alexandre O'Neill

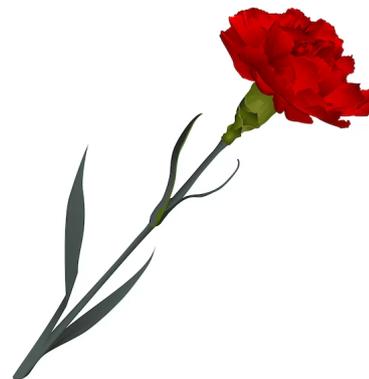
PORTUGAL

Ó Portugal, se fosse só três sílabas,
linda vista para o mar,
Minho verde, Algarve de cal,
jerico rapando o espinhaço da terra,
surdo e miudinho,
moinho a braços com um vento
testarudo, mas embolado e, afinal, amigo,
se fosses só o sal, o sol, o sul
o ladino pardal,
o manso boi coloquial,
a rechinante sardinha,
a desancada varina,
o plumitivo ladrilhado de lindos adjetivos,
a muda queixa amendoada
duns olhos pestanítidos,
se fosses só a cegarrega do estio, dos estilos,
o ferrugento cão asmático das praias,
o grilo engaiolado, a grila no lábio,
o calendário na parede, o emblema na lapela,
ó Portugal, se fosses só três sílabas
de plástico, que era mais barato!

Doceiras de Amarante, barristas de Barcelos,
rendeiras de Viana, toureiros da Golegã,
não há «papo-de-anjo» que seja o meu derriço,
galo que cante a cones na minha prateleira,
alvura arrendada para meu devaneio,
bandarilha que possa enfeitar-me o cachaço.

Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,
golpe até ao osso, fome sem entretém,
perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,
rochim engraxado,
feira cabisbaixa,
meu remorso,
meu remorso de todos nós...

Feira Cabisbaixa, Lisboa, Sá da Costa, 1979



Alexandre O'Neill (1924-1986),
foi um importante poeta
do movimento surrealista.
Foi várias vezes preso
pela polícia política, a PIDE.



Portugal
Eu tenho vinte e dois anos e tu às vezes fazes-me sentir
como se tivesse oitocentos
Que culpa tive eu que D. Sebastião fosse combater os
infiéis ao norte de África
só porque não podia combater a doença que lhe
atacava os órgãos genitais
e nunca mais voltasse
Quase chego a pensar que é tudo mentira, que o Infante
D. Henrique foi uma invenção do Walt
Disney
e o Nuno Álvares Pereira uma reles imitação do
Príncipe Valente

Portugal
Não imaginas o tesão que sinto quando ouço o hino
nacional
(que os meus egrégios avós me perdoem)
Ontem estive a jogar póker com o velho do Restelo
Anda na consulta externa do Júlio de Matos
Deram-lhe uns electro-choques e está a recuperar
à parte o facto de agora me tentar convencer que nos
espera um futuro de rosas

Portugal
Um dia fechei-me no Mosteiro dos Jerónimos a ver se
contraía a febre do Império
mas a única coisa que consegui apanhar foi um
resfriado
Virei a Torre do Tombo do avesso sem lograr encon-
trar uma pétala que fosse
das rosas que Gil Eanes trouxe do Bojador

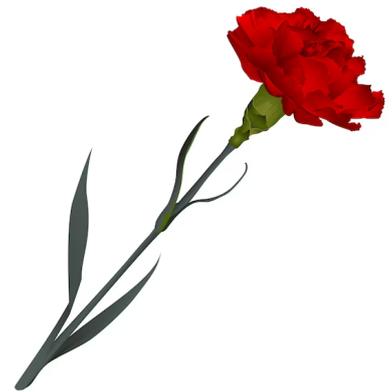
Portugal
Se tivesse dinheiro comprava um Império e dava-to
Juro que era capaz de fazer isso só para te ver sorrir

Portugal
Vou contar-te uma coisa que nunca contei a ninguém
Sabes

Estou loucamente apaixonado por ti
Pergunto a mim mesmo
Como me pude apaixonar por um velho decrépito e
idiota como tu
mas que tem o coração doce ainda mais doce, que os
pastéis de Tentúgal
e o corpo cheio de pontos negros para poder espremer
à minha vontade

Portugal estás a ouvir-me?
Eu nasci em mil novecentos e cinquenta e sete, Salazar
estava no poder, nada de ressentimentos
O meu irmão esteve na guerra, tenho amigos que
emigraram, nada de ressentimentos
Um dia bebi vinagre nada de ressentimentos
Portugal depois de ter salvo inúmeras vezes os Lusíadas
a nado na piscina municipal de Braga
ia agora propôr-te um projecto eminentemente nacional
Que fossemos todos a Ceuta à procura do olho que
Camões lá deixou

Portugal
Sabes de que cor são os meus olhos?
São castanhos como os da minha mãe
Portugal
gostava de te beijar muito apaixonadamente
na boca



1991, *O Poeta Nu*, Lisboa, Fenda Edições, 1999.

Jorge de Sousa Braga
(*1957) é poeta, tradutor e
médico português.



Joaquim Castro Caldas

EXORCISMO ROMÂNTICO

Chega amanhã à doca de Leixões, a bordo de um bacalhoeiro marroquino, o ex-monarca português D. Sebastião, aceite que foi pelas autoridades de Rabat o pedido de extradição solicitado pelo Instituto Português de Antropologia. Acusado de bluff patriótico, mitomania hereditária e contaminável, tráfico de haxixe e envolvimento numa vasta rede terrorista, o antigo rei far-se-á transportar congelado numa urna frigorífica, de onde transitará para um micro-ondas com sistema de vídeo, no interior do qual assistirá à projecção privada de “Non – Ou A Vã Glória De Mandar” – a famosa película de Manoel de Oliveira. À chegada, a que não estarão presentes entidades governamentais, o Presidente da comissão dos Descobrimentos fará um discurso em que tentará desmistificar as razões que o levaram, na qualidade em exercício, a preferir financiar esta deslocação histórica a apoiar o citado filme. Seguir-se-á a cremação sumária do bacalhoeiro marroquino com o respectivo ilustre passageiro lá dentro, cerimónia que todo o Povo poderá acompanhar em directo num canal devidamente codificado pela televisão do Estado para o efeito, com comentários de Eduardo Lourenço (no caso de não ser transmitido em diferido o Salgueiros-Boavista por causa do mau tempo) e logo de seguida vir para as ruas festejar em unísono a trasladação do enguiço. E já agora blindar o assunto, nunca mais se falar nisso.



1991, *A Musa Irregular*, Lisboa: Assírio & Alvim 2006

Joaquim Castro Caldas (1956-2008) foi um poeta e crítico literário português.



A garota não

422

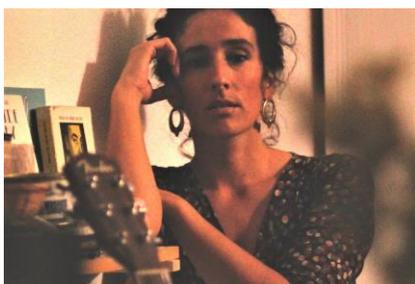
A roleta nem andou à roda
mas é que ser excêntrico é moda
combustível é mais do que império
é calar quem está no ministério

é calar quem cumpre cada dia
é calar toda a democracia
é fazer de tudo um argumento
até nos toldar o pensamento

422 milhões
do planeta fome eu sou
que país tão bom pra tubarões
do planeta fome eu sou
422 milhões
do planeta fome eu sou
somos accionistas sem ações

se não for a guerra e a pandemia
será porque alguém disse poesia
será por passar um barco à vela
será porque alguém veio à janela

A subida é prato do dia
Tanto imposto barriga vazia
e esta raiva que juntos calamos
faz crescer a mão dos soberanos



Cátia Mazari Oliveira (Setúbal, 29 de outubro de 1983) é uma cantora portuguesa mais conhecida pelo nome artístico "A Garota Não."

Letra e Música: Cátia Mazari Oliveira
Produção: Sérgio Miendes, "A garota não"

A GAROTA NÃO

CANÇÃO A ZÉ MÁRIO BRANCO



há quem seja comum
há quem não tenha assunto
há quem traga mais um
há quem traga um conjunto



Cátia Mazari Oliveira (Setúbal, 29 de outubro de 1983) é uma cantora portuguesa mais conhecida pelo nome artístico "A Garota Não"

porque a força que traz
tem o povo na frente
e ser um dos que faz
resistência à corrente

"Canção a Zé Mário Branco"

Letra: A garota não

Música: Sérgio Miendes + A garota não

Produção: Sérgio Miendes

Voz: A garota não

Guitarra elétrica: Sérgio Miendes

Percussão: Diogo Sousa + Público CCB.

derramar na canção
o que dói no país
ser a revolução
ser a boca que diz:



"que caminho tão longo
que viagem tão comprida
que deserto tão grande
sem fronteira nem medida"

Medley de A Garota Não e Luca Argel ao vivo na Festa do Avante, 2 setembro de 2023, onde também há uma versão da "Canção a Zé Mário Branco".

Liberdade
Querida liberdade
O nosso chão tem sonhos e vontade



Adolfo Luxúria Canibal

REVOLUÇÃO



Tenho uma revolução,
francesa, perfumada,
que entre 68 e 75 me levou
pela mão, em festa,
a conhecer os mistérios
do mundo.

Anda, desde então,
encavalitada pelas estantes,
entre despojos da memória
e insones sonhos por cumprir,
poemas desesperados,
amores antigos e já esquecidos,
vagos distúrbios de consciência
e muitas outras coisas
espalhadas
que não vale a pena enumerar.
E guia-me
pelo labirinto do devir,
a livrar-me da ameaça do tédio
nosso de cada dia.



Adolfo Luxúria Canibal, jurista, fundou os grupos Mão Morta e Mécanosphère, de que é vocalista e letrista, tendo mais de 30 discos editados. Criou espectáculos de spoken word e de dança, performances neuro-áudio-visuais, filmes de videoarte e foi actor em cinema e teatro. Publicou uma dezena de livros. Este poema foi publicado no Público, 01/04/2024, na série 50 poemas inéditos de 50 autores sobre revolução.



Adília Lopes

D. Sebastião e Marianna Alcoforado

A minha prisão
está cheia
de nevoeiro

O meu convento
está cheio
de vento

No nevoeiro
não tenho
paradeiro

No vento
não tenho
contento

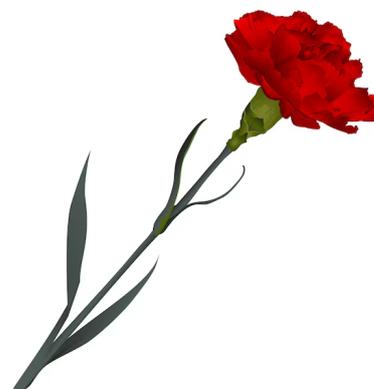
Passo os dias
com as minhas tias

Eu também

Estou farto
do meu parto

Estou farta
de Esparta

Um bispo
não resolve isto



Obra, Lisboa, Mariposa Azul 2000

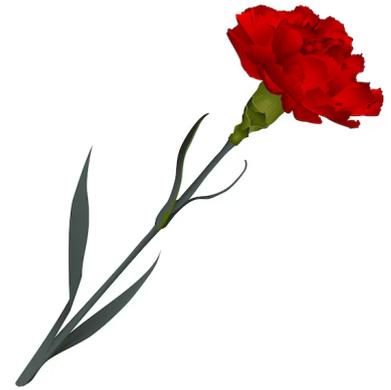
Adília Lopes, pseudónimo literário de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira, (*1960) é uma poeta, cronista e tradutora portuguesa. A sua poesia está marcada pelo pós-modernismo.



Eu quero foder foder
achadamente
se esta revolução
não me deixa
foder até morrer
é porque
não é revolução
nenhuma
a revolução
não se faz
nas praças
nem nos palácios
(essa é a revolução
dos fariseus)
a revolução
faz-se na casa de banho
da casa
da escola
do trabalho
a relação entre
as pessoas
deve ser uma troca
hoje é uma relação
de poder
(mesmo no foder)
a ceifeira ceifa
contente
ceifa nos tempos livres
(semana de 24 x 7 horas já!)
a gestora avalia
a empresa
pela casa de banho
e canta
contente
porque há alegria
no trabalho
o choro da bebé
não impede a mãe
de se vir
a galinha brinca
com a raposa
eu tenho o direito
de estar triste

Adília Lopes

Eu quero foder



Adília Lopes, pseudónimo literário de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira, (*1960) é uma poeta, cronista e tradutora portuguesa. A sua poesia está marcada pelo pós-modernismo.

1999, *Florbela Espanca espanca*, in *Obra*, Lisboa: Mariposa Azual 2000



Andreia C. Faria

A MADRUGADA (DEPOIS DE SOPHIA)



Veio sem mundo por vir.
Veio sem caução depois da noite velha.
Veio antes ou depois do pensamento, a parte animal
que lhe servia. Por dentro das casas
e nas ruas. Para não matar, os militares bebiam
o último litro de sangue das flores. Para não
matar, para inventar
a madrugada, quer dizer a violência de uma nudez.
Veio a espera dos corpos, quer dizer
a alegria. Veio a manhã solta
como malha na saia de uma rapariga.



Andreia C. Faria nasceu no Porto, em 1984. Publicou *Flúor* (Textura Edições, 2013), *Um pouco acima do lugar onde melhor se escuta o coração* (Edições Artefacto, 2015) e *Tão bela como qualquer rapaz* (Língua Morta, 2017, Prémio SPA Poesia). Em 2019 publicou *Alegria para o fim do mundo* (Porto Editora, Prémio Literário Fundação Inês de Castro), volume que reúne todos os livros anteriores. Em 2020 publicou o conjunto de prosas *Clavicórdio* (Língua Morta), em 2022 *Canina* (Tinta da China, Prémio PEN Clube) e em 2024 *Canto do Aumento* (Sr. Teste, com desenhos de Rita Roque). Este poema foi publicado no Público no dia 11/04/2024.



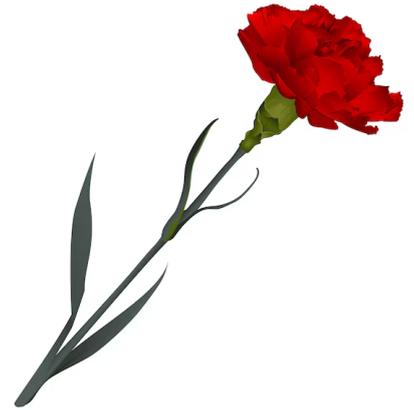
Deolinda

PARVA QUE EU SOU

Sou da geração sem remuneração
E não me incomoda esta condição
Que parva que eu sou
Porque isto está mal e vai continuar
Já é uma sorte eu poder estagiar
Que parva que eu sou
E fico a pensar
Que mundo tão parvo
Onde para ser escravo é preciso estudar

Sou da geração "casinha dos pais"
Se já tenho tudo, pra quê querer mais?
Que parva que eu sou
Filhos, maridos, estou sempre a adiar
E ainda me falta o carro pagar
Que parva que eu sou
E fico a pensar
Que mundo tão parvo
Onde para ser escravo é preciso estudar

Sou da geração "vou queixar-me pra quê?"
Há alguém bem pior do que eu na TV
Que parva que eu sou
Sou da geração "eu já não posso mais!"
Que esta situação dura há tempo demais
E parva não sou
E fico a pensar,
Que mundo tão parvo
Onde para ser escravo é preciso estudar



“Parva que sou” é uma canção dos Deolinda, grupo de revelação dos últimos anos em Portugal, da autoria (música e letra) de Pedro da Silva Martins. Foi apresentada ao público pela primeira vez no Coliseu do Porto nos dias 22 e 23 de janeiro de 2011. A canção converteu-se, espontaneamente, numa espécie de hino do precariado jovem em Portugal e foi caracterizada como uma "descrição da primeira geração que vive e viverá pior que os pais".



Diva

CANÇÃO DE EMBALAR

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Dorme meu menino a estrela d'alva
Já a procurei e não a vi
Se ela não vier de madrugada
Outra que eu souber será pra ti
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô

Outra que eu souber na noite escura
Sobre o teu sorriso de encantar
Ouvirás cantando nas alturas
Trovas e cantigas de embalar
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô

Trovas e cantigas muito belas
Afina a garganta meu cantor
Quando a luz se apaga nas janelas
Perde a estrela d'alva o seu fulgor
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô

Perde a estrela d'alva pequenina
Se outra não vier para a render
Dorme quinda à noite é uma menina
Deixa-a vir também adormecer
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô



Diva foi uma banda portuguesa de algum sucesso nas décadas de 1980 e 1990. O grupo foi formado em 1985 por Natália Casanova (voz), Pedro Solaris (guitarra), João Vitorino (bateria), Diamante (baixo) e João Marques (teclas).

Participam com uma versão de "Canção de Embalar" no disco "Filhos da Madrugada. Atuam no concerto "Filhos da Madrugada ao Vivo".



Essa Entente

Sr. Arcanjo (Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Senhor arcanjo
Vamos jantar
Caem os anjos
Num alguidar

Hibernam túbias
Suspiram rãs
Comem orquídeas
Nas barbacãs

Entra na porta
Menina-faia
Prova uma torta
Desta papaia

Palita os dentes
Põe-te a cavar
Dormem videntes
No Ultramar

Que bela fita
Que bem não está
A prima Bia
De tafetá

E vai o lente
Come um repolho
Parte-se um pente
Fura-se um olho

A pacotilha
Tem mais amor
À gargantilha
Do regedor

Põe a gravata
Menino bem
Que essa cantata
Não soa bem

Senhor arcanjo
Vamos jantar
Caem os anjos
Num alguidar

E as quatro filhas
Do marajá
Vão de patilhas
Beber o chá



O grupo Essa Entente é uma banda portuguesa de pop / rock formada por Paulo Riço (voz e guitarra acústica), Paulo Sousa (guitarra elétrica) e Paulo Neto (bateria), e Manuel Machado (acordeão), aos quais se juntaram o baixista Jorge Pamplona, ex. Toranja, e o teclista António Bragança.

No ano de 1988, tocam no concerto Sons do Parque, ao lado de nomes consagrados, como GNR e Xutos & Pontapés, o que lhes valeu o seu primeiro contracto com a PolyGram, tendo o álbum saído em 1989, e sido produzido por Manuel Faria (Trovante), tendo como tema mais conhecido "Dança Nua".



Gisela Casimiro

ABRIL — O CRAVO VEM

1.

Abril – o cravo vem
chamar a liberdade
para brincar



2.

Na mesa de voto
escrevi o poema
a revolução

3.

Uns pulmões que
faísquem na voz –
a ignição da revolução



4.

Meço a minha liberdade
por quantas pessoas
ainda falta libertar

5.

Do sangue feito seiva
brota a flor da marcha
concreta da liberdade

Gisela Casimiro (Guiné-Bissau, 1984) é escritora, artista, oradora, performer e activista portuguesa. Publicou *Erosão*, *Giz* e *Estendais*. Traduziu e escreveu o prefácio de *Irmã Marginal*, de Audre Lorde. É autora da dramaturgia de *Casa com Árvores Dentro*, encenado por Cláudia Semedo. Fez apoio à dramaturgia de *Blackface!*, de Marco Mendonça, e apoio à criação de *Belonging*, de Raquel André. Coordena o Clube de Leitura do Batalha Centro de Cinema com Teresa Coutinho. É membro fundador da UNA – União Negra das Artes.



GNR

CORO DOS TRIBUNAIS

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Foram-se os bandos dos chacais
Chegou a vez dos tribunais
Vão reunir o bom e o mau ladrão
Para votar sobre um caixão
Quando o inocente se abateu
Inda o morto não morreu
Quando o inocente se abateu
Inda o morto não morreu

A decisão do tribunal
É como a sombra do punhal
Vamos matar o justo que ali jaz
Para quem julga tanto faz
Já que o punhal não mata bem
A lei matemos também
Já que o punhal não mata bem
A lei matemos também

Soa o clarim soa o tambor
O morto já não sente a dor
Quando o deserto nada tem a dar
Vêm as águias almoçar
O tribunal dá de comer
Venham assassinos ver
O tribunal dá de comer
Venham assassinos ver

Se o criminoso se escondeu
Nada de novo aconteceu
A recompensa ao punho que matou
Uma fortuna a quem roubou
Guarda o teu roubo guarda-o bem
Dentro de um papel a lei

Composição: José Afonso / B. Brecht.



GNR (sigla de Grupo Novo Rock) é uma banda portuguesa de pop rock, formada no Porto, em setembro de 1980, por Alexandre Soares (vocal e guitarra), Vitor Rua (guitarra) e Tóli César Machado (bateria). O grupo surgiu no período denominado "boom do rock português", mas os elementos da banda consideram que estiveram à margem do fenómeno, pois quebraram barreiras e criaram uma nova sonoridade em Portugal. Atualmente a banda é constituída por Tóli César Machado (guitarra, teclas e acordeão), Jorge Romão (baixo) e Rui Reininho (vocal).



ISABEL PÉREZ MONTALBÁN

REVOLUCIÓN



Compañera, sábana tendida al sol:

El porvenir será refugiarme en tus labios.
El porvenir es perder la memoria.

Con feroces pancartas creímos en la industria,
las consignas a gritos, subidas salariales
que llevaban carcoma y concesiones
al acero de nuestros sindicatos.
Hicimos muchos planes, profecías,
estudios de dialéctica
sobre aquella república marxista,
promesas de un elástico futuro
de reparto, cultura y amor libre.
Todos iguales en derechos,
para todos caviar y frutas tropicales.

Por ahora las calles son nostalgia,
cementeros de smoking y sexo telefónico,
látigos y silicios de diseño
en bellas pasarelas parisinas.
Y un comercio de putas caribeñas.

Me acuerdo de otras calles.
Lisboa, *terra da fraternidade*.
en la boca de los fusiles
la gente plantaba claveles.

El día 3 de noviembre de 1992, Bill Clinton llega
al poder en EEUU, metrópoli de su imperio.

Cartas de amor de un comunista (1999)



Isabel Pérez Montalbán (Córdoba, 1964). Poeta perteneciente a la «poesía de la conciencia crítica». Desde *No es precisa la muerte* (1992) a *Puente levadizo* (1996) -Premio Barcarola de 1995- y *Cartas de amor de un comunista* (1999), su poesía desarrolla temas de denuncia y crítica social. Posteriormente ha publicado *Los muertos nómadas* (2001) -Premio Leonor de Poesía de Soria-, *Siberia Propia* (2007), *Animal ma non troppo* (2008) y *Un cadáver lleno de mundo* (2010) -Premio Ciudad de Córdoba Ricardo Molina-, y *El frío proletario. Antología (1992-2018)*. El último poemario *Vikinga* (2020) recibió Premio Internacional de Poesía Ciudad de Melilla (2019).



ISABEL PÉREZ MONTALBÁN

CARTA ÚLTIMA (ASILO)

Compañera, alfabeto desenterrado:

Me asilaré en tus senos. Veremos las migraciones de las aves con cualquier excusa. Cualquier imprevisto nos devolverá audible el pulso de los pájaros.

Desde los balcones, inmunes a las pisadas de la revolución que se gesta bajo nosotros, hablaremos del crepúsculo -mientras yo me acomodo el dolor entre la piel y la camisa-. Soñaremos un anticipo de sábanas planchadas -mientras yo mutilo el rostro de la traición suavemente, sin que tú lo adviertas-.

Adivino las madrugadas en las que te arrepientes de un reencuentro que apenas puede ofrecerte más que lo ajeno, la sangre en tarros de derrota, la permanencia táctil del exilio. Y unas tijeras con que recortar venganzas y aprender renuncias. Y aprender renuncias, como una nueva tabla de multiplicar, aprender renuncias.

Mis ruinas se fragmentarán dóciles frente a tu mirada, y así podrás rehabilitar castillos como trasteros, en los que ocultarnos de ese fantasma que recorre los continentes y de cuyo nombre no quiero acordarme.

Después de tantas revoluciones, llego a casa en 1992.
Petrogrado, octubre de 1917.
España, julio de 1936.
La Habana, enero de 1959.
Lisboa, abril de 1974.

Cartas de amor de un comunista (1999)



Isabel Pérez Montalbán (Córdoba, 1964). Poeta perteneciente a la «poesía de la conciencia crítica». Desde *No es precisa la muerte* (1992) a *Puente levadizo* (1996) -Premio Barcarola de 1995- y *Cartas de amor de un comunista* (1999), su poesía desarrolla temas de denuncia y crítica social. Posteriormente ha publicado *Los muertos nómadas* (2001) -Premio Leonor de Poesía de Soria-, *Siberia Propia* (2007), *Animal ma non troppo* (2008) y *Un cadáver lleno de mundo* (2010) -Premio Ciudad de Córdoba Ricardo Molina-, y *El frío proletario. Antología (1992-2018)*. El último poemario *Vikinga* (2020) recibió Premio Internacional de Poesía Ciudad de Melilla (2019).



Madredeus

MAIO MADURAO MAIO

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)



Maio maduro Maio, quem te pintou?
Quem te quebrou o encanto, nunca te amou.
Raiava o sol já no Sul.
E uma falua vinha lá de Istambul.



Sempre depois da sesta chamando as flores.
Era o dia da festa Maio de amores.
Era o dia de cantar.
E uma falua andava ao longe a varar.



Maio com meu amigo quem dera já.
Sempre no mês do trigo se cantará.
Qu'importa a fúria do mar.
Que a voz não te esmoreça vamos lutar.

Os Madredeus são um dos grupos musicais portugueses de maior projecção mundial. A sua música combina influências da música popular portuguesa e do fado, com a música erudita e com a música popular contemporânea. Nos seus vinte anos de carreira, os Madredeus lançaram 14 álbuns e estiveram em turné em 41 países — incluindo a Coreia do Norte e um festival de música dentro do Círculo Polar Ártico, em território norueguês, vendendo mais de três milhões de cópias.

Numa rua comprida El-rei pastor.
Vende o soro da vida que mata a dor.
Anda ver, Maio nasceu.
Que a voz não te esmoreça a turba rompeu.



Mão Morta

AVÓ CAVERNOSO

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

O avô cavernoso
Instituiu a chuva
Ratificou a demora
Persignou-se
Ninguém o chora agora
Perfumou-se
Vinte mil léguas de virgens vieram
Inutéis e despidas
Flores de malva
E a boina bem segura
Sobre a calva

Ao avô cavernoso quem viu a tonsura?
E a tenda dos milagres e a privada?
Na tenda que foi nítida conjura
As flores de malva murcham devagar
Devagar
Até que se ouvem gritos, matinadas



O grupo Mão Morta é uma banda portuguesa de rock avant-garde, formada na cidade de Braga. Em 2024 os Mão Morta perfazem 40 anos de existência ininterrupta, desde a sua formação em Novembro de 1984. Por coincidência, em 2024 decorrem 50 anos sobre o golpe de Estado que pôs fim à ditadura fascista, a 25 de Abril de 1974. Sem esse dia primeiro da liberdade os Mão Morta jamais teriam existido.



Peste & Sida

O HOMEM DA GAITA

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Havia na terra
um homem
que tinha
uma gaita bem de pasmar.
Se alguém a ouvia,
fosse gente ou bicho,
entrava na roda a dançar.
Um dia passava
um sujeito e ao lado
um burro com louça a trotar
O dono e o burro,
ouvindo a tocata,
puseram-se logo a bailar.
Partiu-se a faiança
em cacos com a dança.
E o pobre pedia, a gritar,
ao homem da gaita
que acabasse a fita,
mas nada ficou por quebrar.
O Juiz de Fora,
chamado na hora:
Só tenho que te condenar!
Mas quero uma prova,
se é crime ou se é trova.
Faz lá essa gaita tocar!
O homem da louça,
sentado na sala,
levanta-se e põe-se a saltar.
Enquanto a rabeca
não se incomodava,
a sua cadeira era o par.
Pulava o jurista
de quico na crista,
ninguém se atrevia a parar.
E a mãe entrevada,
que estava deitada,
levanta-se e põe-se a bailar:
Vá de folia, vá de folia
Que há sete anos me não mexia
Vá de folia, vá de folia,
Que há sete anos me não mexia!



Peste & Sida são uma banda de rock portuguesa constituída no Verão de 1986, em Lisboa. A banda era formada por João San Payo (baixo), Luís Varatojo (guitarra) Eduardo Dias (bateria) e João Pedro Almendra que se junta ao grupo para se encarregar das vocalizações; Orlando Cohen entra pouco depois.



Ritual Tejo

CANTO MOÇO

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Somos filhos da madrugada
Pelas praias do mar nos vamos
À procura de quem nos traga
Verde oliva de flor no ramo
Navegamos de vaga em vaga
Não soubemos de dor nem mágoa
Pelas praias do mar nos vamos
À procura da manhã clara

Lá do cimo duma montanha
Acendemos uma fogueira
Para não se apagar a chama
Que dá vida na noite inteira
Mensageira pomba chamada
Companheira da madrugada
Quando a noite vier que venha
Lá do cimo duma montanha

Onde o vento cortou amarras
Largaremos pela noite fora
Onde há sempre uma boa estrela
Noite e dia ao romper da aurora
Vira a proa minha galera
Que a vitória já não espera
Fresca brisa, moira encantada
Vira a proa da minha barca



O grupo *Ritual Tejo* foi uma banda portuguesa do início da década de 1990 criada por Paulo Costa, José Manuel Afonso, Artur Santos, Fernando Martins e Quim Zé Rebelo.

Em 1987, com Paulo Costa, José Manuel Afonso, Artur Santos e ainda Chipas na bateria, começaram por se chamar *Easy Gents'* mas, após vencerem o 5º Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous, mudaram o nome para *Ritual Tejo*; nesta altura, Fernando Martins entra para o grupo e Chipas é substituído por Quim Zé Rebelo.



Sétima Legião

CANTIGAS DE MAIO

(Os filhos da madrugada cantam
José Afonso)

Eu fui ver a minha amada
Lá p'rós baixos dum jardim
Dei-lhe uma rosa encarnada
Para se lembrar de mim

Minha mãe quando eu morrer
Ai chore por quem muito amargou
Para então dizer ao mundo
Ai Deus mo deu, ai Deus mo levou
(Refrão)

Eu fui ver o meu benzinho
Lá p'rós lados dum passal
Dei-lhe o meu lenço de linho
Que é do mais fino bragal

(Refrão)

Eu fui ver uma donzela
Numa barquinha a dormir
Dei-lhe uma colcha de seda
Para nela se cobrir

Eu fui ver uma solteira
Numa salinha a fiar
Dei-lhe uma rosa vermelha
Para de mim se encantar

Eu fui ver a minha amada
Lá nos campos eu fui ver
Dei-lhe uma rosa encarnada
Para de mim se prender
(Refrão)

Verdes prados, verdes campos
Onde está minha paixão
As andorinhas não param
Umas voltam outras não

(Refrão)



O grupo Sétima Legião foi uma banda portuguesa, formada no início da década de 1980 em Lisboa, por Rodrigo Leão, Nuno Cruz e Pedro Oliveira.

Adoptou desde o início um estilo musical eclético misturando pop-rock, com música popular e tradicional portuguesa e misturando instrumentos como gaitas de fole, viola d'arco e acordeão com baixo, bateria e samplers.

UHF

A MORTE SAIU À RUA

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

A morte saiu à rua num dia assim
Naquele lugar sem nome para qualquer fim
Uma gota rubra sobre a calçada cai
E um rio de sangue de um peito aberto sai

O vento que dá nas canas do canavial
E a foice duma ceifeira de Portugal
E o som da bigorna como um clarim do céu
Vão dizendo em toda a parte o Pintor morreu

Teu sangue, Pintor, reclama outra morte igual
Só olho por olho e dente por dente vale
À lei assassina, à morte que te matou
Teu corpo pertence à terra que te abraçou

Aqui te afirmamos dente por dente assim
Que um dia rirá melhor quem rirá por fim
Na curva da estrada à covas feitas no chão
E em todas florirão rosas de uma nação



O grupo UHF uma banda portuguesa de rock formada na Costa de Caparica, em Almada, em 1978. A formação inicial foi composta por António Manuel Ribeiro (vocal e guitarra), Renato Gomes (guitarra), Carlos Peres (baixo) e Américo Manuel (bateria). Atualmente são formados por António Manuel Ribeiro (vocal e guitarra), António Côrte-Real (guitarra), Nuno Correia (baixo) e Ivan Cristiano (bateria).

Resultante do pós punk, no final dos anos setenta, a sonoridade da banda incorpora o rock direto e espontâneo de características urbanas, produzindo também um som mais acústico e hard rock com alguma influência dos Doors.



XELA ARIAS

REVOLTA

-Pois ti podes pararme, encomendarme
á vella relixión de nós parados,
brazos quedos e a morte nos meus
labios.

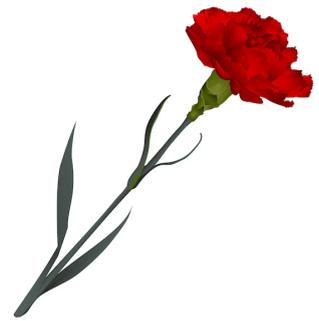
Di podo. Quizás non olla-lo feito.

Ándanme sempre as mans facendo praias
imposibles; pode ser de non medrar
e caer no intento os dedos partidos...

(Non, ¡o tigre revóltase aló dentro...!)

-Dicide parará; nel anubarán
horizontes que amara, ebrio fincará
os pés no destino dos cadáveres...
E, erguido ou o século disculpado,
a gracia da praia virá comenzo,
destrucción e do inmóbil o desprecio.

Publicado en *VII Festival da Poesía no Condado*.
A Zeca Afonso, na memoria viva. (1987)



Xela Arias (Sarria, Lugo, 1962-Vigo, 2003) foi unha poeta galega, tradutora e editora, desenvolveu o seu traballo profesional en Edicións Xerais entre 1980 e 1990. Como poeta, publicou os libros *Denuncia do equilibrio* (1986), *Tigres coma cabalos* (1990), en colaboración con el fotógrafo Xulio Gil, *Darío a diario* (1996) e *Intempériome* (2003). Publicou tamén en fanzines e revistas alternativas, como *Katarsis* ou *As follas de Sísifo*, e en revistas literarias como *Dorna* ou *Festa da palabra silenciada*. Foi homenaxeada no Día das Letras Galegas no ano 2021.



XELA ARIAS

SON AS AUGAS



Nas paredes escribiran mortos.
O vento trae maquinarias. Sorte
de ríos amarelos vén parar ás nosas mans;
atraio, quizais, os malos destinos
pois abrazo a morte, toda morte,
¿da vida? Ríos pesados de baleas
confonden os pasos que avanzamos.
E calo.

Ríos, ríos, só auga, coma ríos
sucesos acontecidos, contidos acenos
que desatamos, ríos que se desfollan.

¿Cando hemos desaparecer, cariño?
Fundida á confusión, ¡como agradezo!
Estufas tiran linguas
abrasadoras para cazarme.
E non se atrapan
reflexos das luces nos peiraos,
ás noites,
cando eles dormen.



Xela Arias (Sarria, Lugo, 1962-Vigo, 2003) foi unha poeta galega, tradutora e editora, desenvolveu o seu traballo profesional en Edicións Xerais entre 1980 e 1990. Como poeta, publicou os libros *Denuncia do equilibrio* (1986), *Tigres coma cabalos* (1990), en colaboración con el fotógrafo Xulio Gil, *Darío a diario* (1996) e *Intempériome* (2003). Publicou tamén en fanzines e revistas alternativas, como *Katarsis* ou *As follas de Sísifo*, e en revistas literarias como *Dorna* ou *Festa da palabra silenciada*. Foi homenaxeada no Día das Letras Galegas no ano 2021.

Publicado en *VII Festival da Poesía no Condado. A Zeca Afonso, na memoria viva.* (1987)



Xutos & Pontapés

CORO DA PRIMAVERA

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Cobre-te canalha
Na mortalha
Hoje o rei vai nu
Os velhos tiranos
De há mil anos
Morrem como tu
Abre uma trincheira
Companheira
Deita-te no chão
Sempre à tua frente
Viste gente
Doutra condição

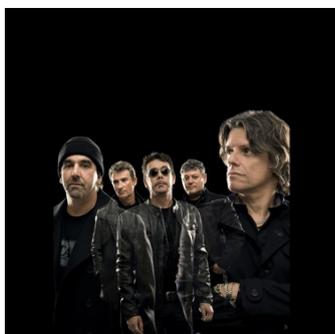
Venha a maré cheia
Duma ideia
P'ra nos empurrar
Só um pensamento
No momento
P'ra nos despertar
Eia mais um braço
E outro braço
Nos conduz irmão
Sempre a nossa fome
Nos consome
Dá-me a tua mão

Ergue-te ó Sol de Verão
Somos nós os teus cantores
Da matinal canção
Ouvem-se já os rumores
Ouvem-se já os clamores
Ouvem-se já os tambores

Ergue-te ó Sol de Verão
Somos nós os teus cantores
Da matinal canção
Ouvem-se já os rumores
Ouvem-se já os clamores
Ouvem-se já os tambores

Livra-te do medo
Que bem cedo
Há-de o Sol queimar
E tu camarada
Poe-te em guarda
Que te vão matar
Venham lavradeiras
Mondadeiras
Deste campo em flor
Venham enlaçadas
De mãos dadas
Semear o amor

Ergue-te ó Sol de Verão
[...]



O grupo Xutos & Pontapés formou-se em 1979 e, para além de Tim, Zé Pedro, João Cabeleira e Kalú, fizeram ainda parte da banda Zé Leonel (vocalista e um dos seus fundadores) Francis (guitarrista) e Gui (saxofonista). Inicialmente conotado com a atitude *punk*, e mais de 3 décadas depois do arranque, os Xutos & Pontapés são o emblema do que significa rock & roll em português, por portugueses, para portugueses, com a maior longevidade de uma carreira rock em Portugal.



EXPOSIÇÃO

25 de abril - 29 de maio

1974

50 ANOS DE 25 DE ABRIL

POESIA E POLÍTICA

CARTAZES ORIGINAIS DAS PRIMEIRAS
ELEIÇÕES PÓS-25 DE ABRIL
no Camões - Centro Cultural Português em Vigo

Inauguração
25 de abril | 11.30h

ENTRADA LIVRE

I Cátedra Internacional
José Saramago

Universidade de Vigo



CAMÕES
CENTRO CULTURAL
PORTUGUÊS
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS